



MÚSICA E TRADIÇÃO: TRAJETÓRIA DA FOLIA DE REIS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO MIMOSO

Wilson Rogério dos Santos*

Universidade Federal do Tocantins - UFT

rg_santos@uft.edu.br

Ana Roseli Paes dos Santos**

Universidade Federal do Tocantins - UFT

anaroseli@uft.edu.br

Dinomar Rosa Araújo***

Universidade Federal do Tocantins - UFT

dinomarrosaaraujo@gmail.com

RESUMO: O trabalho se aproxima dos estudos etnográficos e tem foco na Folia de Reis, praticada por moradores da região do Quilombo Kalunga do Mimoso, na cidade de Arraias (TO). O local pode ser considerado de difícil acesso devido às condições precárias das estradas. Seus habitantes desde há muito tempo, vêm lutando pelos seus direitos, particularmente pelo direito ao território. Para eles, a Folia se apresenta como momento de grande importância religiosa, mas também é oportunidade para que as pessoas se sintam sustentadas pela crença de sucesso nas plantações, de garantia de fartura e de melhores condições financeiras. A manifestação torna-se uma oportunidade para a transmissão de valores entre gerações, reafirmação de princípios de fé cristã e resistência cultural. Como estratégia de ação, foram realizadas observações e entrevistas semiestruturadas. Os objetivos foram registrar, estudar e descrever as práticas musicais e culturais e identificar as pessoas que mantêm a tradição viva.

PALAVRAS-CHAVE: Folia de Reis — Etnomusicologia — Etnografia — Música e Educação do Campo.

MUSIC AND TRADITION: JOURNEY OF KING FOLIA IN THE QUILOMBOLA COMMUNITY OF MIMOSO

* Doutor e Mestre em Música. Prof. Adjunto da UFT - Educação do Campo/Arraias.

** Doutora em Educação Musical e Mestre em Pedagogia. Prof.^a Adjunta da UFT - Educação do Campo/Arraias.

*** Graduado em Educação do Campo – Universidade Federal do Tocantins (UFT)

ABSTRACT: The work approaches to ethnographic studies and focuses on Folia de Reis, practiced by residents from the Quilombo Kalunga do Mimoso region, in the city of Arraias (TO). The locality can be considered difficult to reach due to poor road conditions. The population have long been fighting for their rights, particularly for the right to the territory. For them, the Folia presents itself as a moment of great religious importance, but it is also an opportunity for people to feel supported by the belief of success in the plantations, guarantee of abundance and better financial conditions. The manifestation becomes an opportunity for the transmission of values between generations, reaffirmation of principles of Christian faith and cultural resistance. As an action strategy, observations and semi-structured interviews were conducted. The objectives were to record, study and describe musical and cultural practices and identify the people who keep the tradition alive.

Key words: Kings Foliás — Ethnomusicology — Ethnography — Music and country education.

INTRODUÇÃO

A evem fulia tá lá longe...
tá dano sinal pros morador que a folia já
evem...
Rainor Marques
(Território Kalunga do Mimoso)¹

Este trabalho tem foco na música e na tradição praticada por moradores da região do Mimoso na cidade de Arraias. A intenção foi desenvolver um projeto vinculado aos saberes e fazeres dessa comunidade Quilombola Kalunga, que tem sua localização na região sudeste do estado do Tocantins, a aproximadamente 120 km do município sede: Arraias. O local, denominado Mimoso por causa de um córrego que passa no centro da comunidade, pode ser considerado de difícil acesso devido às condições precárias das estradas de terra, além disso, até há pouco, não possuía fornecimento de energia elétrica. Seus habitantes são descendentes de pessoas escravizadas que prestaram serviços especialmente na extração de ouro, nas minas da região, e desde há muito tempo vem lutando pelos seus direitos, especialmente pelo direito ao território.

A maioria dos moradores habita casas de pau a pique, construídas com ferramentas básicas e a partir de materiais retirados da natureza. Utilizam a técnica do adobe (tijolos de barro secos ao sol) para as paredes e, para as coberturas, utilizam tabocas e palhas. Alguns anos atrás, a comunidade foi beneficiada com projetos do

¹ Observação: Como havia a preocupação em não causar constrangimento com a utilização do recurso de assinatura em um documento, optou-se pela autorização gravada; sendo assim, a título de questão ética, declaramos que todas as autorizações para utilização de depoimentos e imagens estão gravadas.

governo federal, como o “Luz para todos”, FUNASA (Fundação Nacional de Saúde) para abastecimento de água potável e o projeto “Minha casa minha vida”; mas essas iniciativas ainda estão em implantação, que se dá de forma bastante vagarosa. Além disso, a comunidade não dispõe de saneamento básico, e o fornecimento de água se restringe aos rios da região, embora já existam, em algumas residências, as cisternas instaladas pelo governo.

Com relação à assistência médica, a comunidade encontra-se em um estado de calamidade, pois não possui posto de saúde, e as visitas médicas são muito esporádicas. Quando algum membro da comunidade adocece, os casos são tratados no local, necessitando serem resolvidos com a utilização de ervas medicinais, que são colhidas e manuseadas pelos membros mais experientes; os doentes em estado mais grave precisam ser transportados para a sede do município (Arraias), em um ônibus que transita duas vezes por semana.

Apesar da situação de desassistência, a população guarda saberes e fazeres que identificam as pessoas dessa comunidade e se constituem em conhecimentos que possibilitaram e possibilitam a manutenção da cultura local. Essa preservação, somada à atenção aos hábitos culturais e religiosos, tem grande importância para a comunidade, constituindo-se em uma força de grande significado religioso e cultural.

Entre essas manifestações está a Folia de Reis, tema principal deste trabalho e cujo ciclo é realizado no mês de janeiro, iniciando no dia primeiro e terminando no dia seis. Para essa comunidade, a folia se torna um momento de grande importância religiosa, mas ao mesmo tempo, extrapola esse papel, pois é uma oportunidade para que as pessoas, principalmente as mais velhas, sintam-se sustentadas pela crença de sucesso nas suas plantações, garantia de fartura e também de melhores condições financeiras. Além disso, a manifestação torna-se um momento propício para a transmissão de valores entre gerações, reafirmação de princípios de fé cristã e resistência cultural.

A Folia de Reis é festa muito conhecida e praticada em várias regiões do Brasil, especialmente nas cidades interioranas, onde a forte religiosidade sempre está presente. Manifestação do catolicismo popular que contempla os festejos em louvor aos reis Baltazar, Melquior e Gaspar, relembrando a história bíblica da natividade por meio de rituais que celebram a visita dos magos a Jesus, na ocasião de seu nascimento.

A festa faz parte do ciclo natalino e, geralmente, é organizada a partir de uma promessa, muitas vezes feita pelo mestre da companhia ou por outra pessoa que se torna

o patrocinador, bancando uma parte das despesas. O grupo é composto do alferes (arfe-lo), ou bandeireiro, que leva a bandeira (representação simbólica da estrela-guia) à frente do cortejo; do encarregado, que é o responsável pelas doações recebidas; do embaixador ou capitão, que é o mestre de cerimônia e quem entoa os cânticos; e dos músicos, que tocam instrumentos variados, em sua maioria de confecção artesanal, como tambores, pandeiros, caixas, além da tradicional viola caipira, do violão e do acordeão.

O presente trabalho procurou conhecer, observar e tratar o grupo organizador da folia na comunidade do Mimoso, vivenciando, realizando registro fotográfico e estudando os instrumentos musicais utilizados no processo da festa.

Tal iniciativa pode ser incluída e pretende contribuir dentro de um processo de salvaguarda do patrimônio imaterial da região, que está sendo desenvolvido a partir de diversas pesquisas, abrangendo as realizadas pelo Gabinete de Investigação em Educação Musical do campus de Arraias da Universidade Federal do Tocantins. Nesse sentido, as Festas de Reis podem ser vistas como um dos importantes elementos culturais para a afirmação social e identitária dessa comunidade.

ALGUNS ASPECTOS DA PESQUISA NA ÁREA

Existe uma grande quantidade de textos estudando a Folia de Reis. Falar sobre cada um deles seria uma tarefa imensa; por esse motivo, o estado da arte referente ao assunto procurou analisar alguns trabalhos mais recentes e que têm maior grau de similaridade com a proposta de estudo, que se coloca principalmente como um registro etnográfico, em detrimento de uma abordagem psicológica, histórica ou antropológica mais elaborada. Há que destacar que uma grande parte dos trabalhos acadêmicos encontrados trata das folias nos estados de Minas Gerais e São Paulo, locais onde essas manifestações têm muita força e tradição.

Em uma linha temporal, o primeiro trabalho que podemos considerar é o de Danisa Chaves, uma dissertação escrita em 2011 e que se propôs a estudar três Folias de Reis da cidade de Três Corações (MG). O estudo dá atenção especial aos marungos, os palhaços que acompanham a folia em muitos lugares pelo Brasil. No mesmo ano (2011), Ana Paula Santos Horta apresentou sua dissertação de mestrado em que estudou, em campo, os grupos de Folia de Reis da região da Serra da Canastra (MG),

dando atenção especial ao aspecto ritual do processo. A autora documentou a Festa de São José do Barreiro (MG) e procurou entrelaçar “etnografia, contextualização histórica e pressupostos teóricos para revelar alguns dos sentidos do ritual de devoção aos Três Reis Magos” (HORTA, 2011, p. 18), entre eles a vivência da religiosidade e da presença física de divindades, alimentando a relação entre os homens e os reis do Oriente.

Iara Toscano Correia (2013), na sua tese *(Re)-significações religiosas no sertão das gerais*, buscou estudar as Folias de Reis da região de Januária, norte de Minas Gerais. Foram quatro grupos analisados na busca de encontrar as bases históricas que contribuem para a manutenção dessa tradição cultural. A autora pôde perceber diferentes estratégias para a ritualização das práticas e destaca que uma delas é o entendimento que a cultura e a educação são armas importantes na luta contra a exclusão:

O grupo caminha a passos largos para institucionalização, e seu líder acalenta o sonho de tornar o Centro de Cultura Berto Preto em espaço educacional, que congregue também outros tipos de expressões da cultura popular. O grupo vem se adequando para participar de editais de incentivo à cultura e outras formas de captação de recursos. Além de uma performance impecável, o Terno de Reis dos Temerosos tem ampla experiência em apresentações e espetáculos de cultura (CORREIA, 2013, p. 299-230).

Finalmente Aliny Cristina Lourenço (2014) estudou a Folia de Reis da cidade de São José do Barreiro; esta, no Vale do Paraíba, estado de São Paulo. Basicamente, ela procurou identificar as diversas transformações e adaptações que a festa recebeu com o passar do tempo e compreender, por meio de depoimentos, a importância particular que os foliões e a comunidade encontram no festejo. Da mesma maneira que o presente trabalho, a pesquisadora também procurou registrar a manifestação para fins de salvaguarda.

O presente estudo aproxima-se da etnomusicologia, campo da música que tem raízes colocadas tanto na musicologia como na antropologia cultural. Dessa forma, essa ciência pretende compreender a música dentro do contexto do comportamento humano. O pesquisador possui interesse em diversas questões referentes ao uso e à função da música, ao papel e ao status do músico e a temas adjacentes.

A etnomusicologia proporciona um importante modelo para as etnografias dentro da pesquisa em educação musical, área esta em que os temas estarão mais concentrados no ensino e na transmissão dos saberes musicais.

O professor Fred Dantas (2018) realizou um trabalho desse tipo, quando estudou as práticas musicais de dois grupos de Folias de Reis na região do sudoeste baiano. O texto *Santo Reis de Bumba: praxe pedagógica e organologia* apresenta os resultados de uma pesquisa de mestrado sobre o tema e serve como uma das referências teóricas para a investigação em questão, fornecendo os pontos iniciais do trabalho desenvolvido dentro da etnomusicologia e também da organologia musical (estudo da origem, descrição e classificação dos instrumentos musicais), trazendo autores de referência para as duas áreas, como Eric Hornbostel e Curt Sachs (1961), e sua classificação dos instrumentos; Alan Merriam (1964), que fala, entre outras coisas, do nosso comportamento em relação à música, das maneiras pelas quais ela é usada na sociedade e quais são as suas funções em diferentes contextos, inclusive nos rituais religiosos, com a utilização de músicas que exprimem esses preceitos, como é o caso da folia. Traz, também, a discussão sobre Bruno Nettl (1964), que em seus estudos sugere que, para entendermos a música de outros povos, devemos tentar entrar no seu ambiente, para ouvi-la a partir de sua vivência, isto é não se deve comparar qualitativamente melodias e instrumentos, mas sim tentar compreender o que a música significa para os outros povos no contexto da sua própria cultura.

A proposta aproxima-se das estruturas do paradigma qualitativo, ou interpretativo. Coutinho, citando Guba (1990), diz que esse paradigma:

Adota uma posição relativista – há múltiplas realidades que existem sob a forma de construções mentais social e experiencialmente localizadas — inspira-se numa epistemologia subjetivista que valoriza o papel do investigador/construtor do conhecimento [...]. De uma forma sintética pode afirmar-se que este paradigma pretende substituir as noções científicas de explicação, previsão e controle pelas de compreensão, significado e ação (COUTINHO, 2013, p. 17).

O trabalho também aproxima-se dos estudos etnográficos, que, segundo Coutinho (2013, p. 347), pressupõe que o investigador atue de maneira a examinar padrões de comportamento, costumes e modos de vida de um determinado grupo de pessoas. Alguns pressupostos apresentados pela autora podem ser contemplados: a) os significados culturais do grupo são cruciais para a compreensão das ações; b) o grupo é

estudado no contexto natural, e o investigador insere-se nesse mesmo contexto; c) a recolha de dados pode processar-se de múltiplas formas, sem restrições, embora o trabalho de campo seja sempre uma constante; d) o foco é compreender uma parte da cultura de um determinado núcleo populacional desde uma perspectiva êmica (de dentro) e ética (de fora).

O trabalho teve como objetivos: registrar, estudar e descrever as práticas musicais e culturais da Folia de Reis da região do Mimoso em Arraias (TO); conhecer a história da festa e identificar as pessoas que mantêm a tradição viva; b) fazer um levantamento das músicas utilizadas; c) compreender a relevância dessa festividade para a cultura local; d) compreender como são construídos e utilizados os instrumentos musicais dentro dessas práticas.

ANÁLISE DAS OBSERVAÇÕES

As observações direcionadas à Folia de Reis propiciaram que o pesquisador entrasse em contato direto com sua comunidade; o intuito foi registrar a festa, dialogar com seus participantes e contribuir para a salvaguarda desse patrimônio tão importante e frágil. Durante o ciclo da folia, as observações e as conversas com alguns festeiros permitiram que identificássemos alguns itens dignos de registro:

1. Atualmente, o guia da folia é o senhor Celino; ele tem 63 anos de idade e acompanha a folia desde há muito tempo. A partir do ano de 1994, ele passou a ser guia, antes era pandeiroiro e também ajudava a cantar os versos (músicas) na folia; como já possuía uma grande experiência acompanhando o giro, foi escolhido para ser guia.

2. A folia acontece a partir da organização da comunidade. Inicialmente, há a escolha do encarregado; essa escolha é feita por meio de uma promessa ou por livre vontade; atualmente, o encarregado (Arfe-lo ou Alferes) é o Sr. Jovecílio. A essa pessoa cabe fazer os convites para a participação dos foliões, fazer o orçamento para a festa, marcar os pousos, verificar o estado de conservação dos instrumentos e a possível necessidade de manutenção dos mesmos, cuidar dos ensaios dos cantos e combinar com as mulheres (cozinheiras) o preparo das refeições para a festa do dia 6 (o arremate da folia). Caso não exista nenhuma pessoa que realizou promessa ou que se proponha, de livre vontade, a soltar a folia, a comunidade se reúne e escolhe o encarregado daquele ano; nesse caso, toda a comunidade se compromete a auxiliar essa pessoa.

Do festero é assim, tem uns que é promessa, outros que, que mesmo quer fazer né, às vezes nem é promessa, que mesmo quer fazer, só uma tradição mesmo, porque gosta também de soltar folia né, porque a folia é uma animação, né. (A folia, aonde que eles reúne ela pra poder sair?) Reuni lá no festejo. (De lá eles vão pra onde?) Reuni no festejo do Mimoso, aí vai girar nas casas (Depoimento do Sr. Celis Macedo).

3. Verificou-se que a folia conta com aproximadamente 10 foliões, que se revezavam pelo trajeto do giro. Esse revezamento acontece devido à grande extensão do percurso e à idade avançada dos participantes.

4. Percebeu-se que não há uma vestimenta específica, com exceção do arfe-lo (alferes), que tem a função de carregar a bandeira durante todo o giro (por esse motivo, ele também pode ser conhecido como bandeireiro). Sua vestimenta constitui-se de calça social ou *jeans*, botina, palito (casaco largo com gola grande, também conhecido como *blazer*) e gravata. Os demais participantes fazem o giro com indumentária comum.

5. A idade dos participantes está entre 16 e 63 anos. Um importante fato observado é que a continuidade da festa pode ser assegurada com a presença de participantes mais jovens.

6. Para o trabalho em questão, foi utilizado o sistema Hornbostel-Sachs de classificação de instrumentos musicais. Esse sistema foi concebido por Erich von Hornbostel e Curt Sachs em 1914; posteriormente, uma revisão foi publicada no *Jornal da Galpin Society* em 1961, e é essa a versão utilizada neste trabalho. Os instrumentos utilizados na folia são o pandeiro, a caixa e o violão (em substituição à viola). A maioria desses instrumentos é produzida artesanalmente pelos membros da comunidade, com a preponderância de utilização de materiais retirados da própria natureza.

7. A caixa, que também é conhecida como tambor, tem uma grande importância na folia, pois é ela que define a organização rítmica e anuncia a chegada dos festeiros ao longe, tanto na zona rural como nos pequenos aglomerados urbanos. A caixa de folia, é construída com madeira e couro, que pode ser de boi, de veado ou de outro animal. Esse couro deve ser esticado por meio de cordas. Uma corda maior é utilizada para pendurar a caixa no ombro do caixeiro, com o propósito de facilitar a execução do instrumento até mesmo quando o músico está montado no cavalo, durante o processo de visitação às casas, especialmente as da zona rural.

Na foto a seguir, é possível ver o detalhe dos couros utilizados para ajustar a afinação da caixa, pois, para manter a caixa afinada são colocados pedaços de couro nas cordas ao redor da caixa. Quando deseja ajustar a afinação, o caixeiro bate de cima para baixo no couro com a baqueta; dessa forma, abaixa o couro e estica a corda. Um detalhe importante é uma corda fina (chamada de açoiteadeira) que é colocada na parte de baixo do instrumento, no couro do fundo. Assim, quando a caixa é tocada, há uma pequena vibração, devido ao contato da corda com o couro, criando o som característico do instrumento. Para sua execução, são utilizadas duas baquetas feitas de madeira.



Foto 1: Caixa de folia (Fonte: Dinomar Rosa)

A partir da tabela de classificação, do instrumento é caracterizado como um membranofone percutido diretamente com bastões (211), com o corpo em forma de cilindro e diâmetro entre centro e extremidades com igual dimensão. A tabela ainda considera o instrumento como de membrana única, pois, embora ele seja fechado com uma pele no fundo, esta nunca é percutida (211.211.2). Como ele tem a tensão regulada

por um sistema duplo de cordas, ainda recebe mais três números: 211.211.2-814. É importante notar ainda que a borda do instrumento é elevada e, por muitas vezes, é essa borda que é percutida, e não a membrana do instrumento.

A caixa é cortado um pau ocado, corta no tamanho, e pule ela por dentro, que ela fica bem lizinha por dentro, aí, agora fais um arquinho ruliço de pau e coloca o coro, do mesmo jeito do pandero e ponhoi as arças e puxa, fais o cambito de aruera que for e ponhoi açoitadeira. (O que é açoitadeira?) Açoitadeira pode ser corda de viola e pode ser um cordão com uma pena de galinha. (Para que ela serve?) O quê? (Açoitadeira!) Açoitadeira pra dá som na caixa, pra afinar a caixa (Depoimento Sr. Aristeu Rosa).

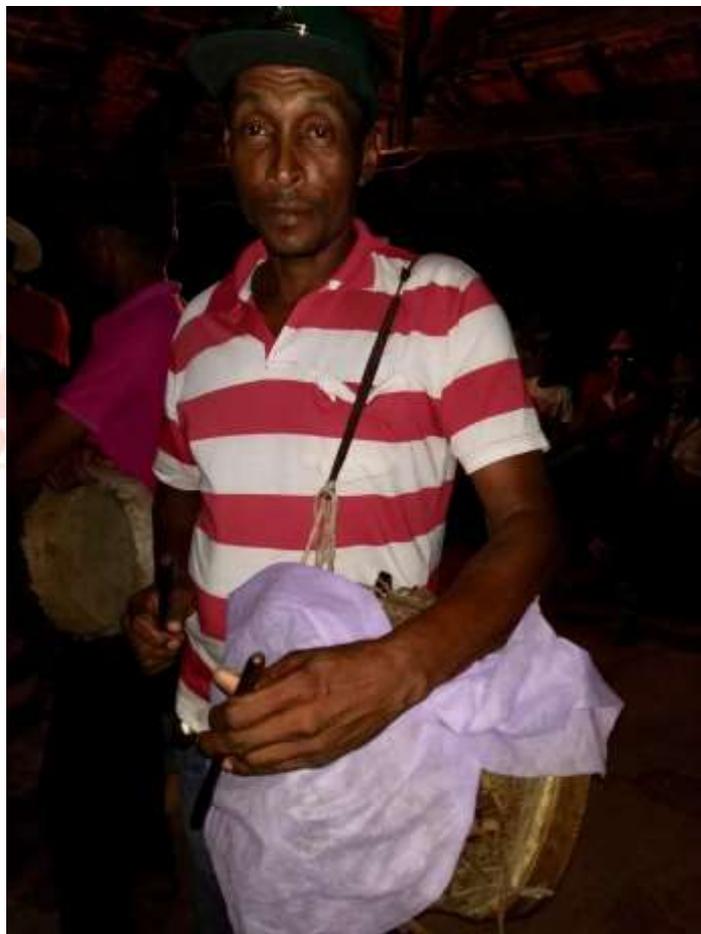


Foto 2: Caixaeiro Sr. Rainor Marques. **Fonte:** Dinomar Rosa.

A caixa usada na Folia de Reis na Comunidade Quilombola do Mimoso é considerada de tamanho grande e foi produzida por um membro da comunidade. O couro utilizado é de veado campeiro (campeira)², animal que, segundo as informações,

² É necessário esclarecer que o trabalho não incentiva nem pretende incentivar a prática ilegal de caça. O registro da construção do instrumento é o que se apresentou e o que foi relatado ao pesquisador. A

tem a pele adequada e ideal para a construção da sonoridade do instrumento. O arco da borda é feito de pequi.

A caixa é de madeira, aí é feita de piqui, aí fais u bocal dela, é igual pandeiro, fais o arco, o coro de campera rapa, aí se faz um arrojamento dela de corda, fura, bota umas alças e arrocha e bota a açoitadeira, bota uma pena. (E a açoitadeira é o quê?) Um cordão torcido pa da um som (Depoimento Sr. Rainor Marques).

Para o folião tocar, é preciso que a caixa esteja dependurada no ombro do lado esquerdo, e assim ele pode usar as duas mãos para segurar as baquetas. Na parte de cima da caixa, é colocado um pano de tecido fino, servindo de proteção e também para abaixar o som (veja foto n.º 2). Como afirma o Sr. Rainor, membro da comunidade:

Aquele ali é pra dá o som mais baixo, na hora que está fazendo o canto, o bendito, aí quando tá andando a fulia aí tira o pano pá da u som, a evem fulia tá lá longe tá dano sinal pros morador que a folia já evem (Depoimento do Sr. Rainor Marques).

8. Outro membranofone utilizado na festa é o pandeiro, instrumento percussivo que também tem como função a marcação de um padrão rítmico. O instrumento é construído com couro de animais da região, e normalmente há uma variação nas peles utilizadas, dependendo da disponibilidade de caça em cada região. O instrumento utilizado na Folia de Reis no Mimoso é construído artesanalmente por membros da comunidade. Para sua fabricação, é utilizado o couro de catingueiro (veado catingueiro), como afirma o senhor Rainor Marques: “*O pandeiro é de coro de catingueiro*”. Para se fazer o arco onde o couro é fixado, é utilizada uma madeira flexível, são feitos pequenos buracos para colocar uma espécie de chocalho, confeccionado de pilhas ou de tampas de garrafas e que tem, na região, o nome de “chengo”. Em cada um desses buracos, são colocadas de duas a quatro plaquetas de metal, e, quando o instrumento é tocado, essas plaquetas emitem um som agudo.

prática da caça de subsistência, mesmo nas reservas quilombolas, é considerada ilegal, ainda que seja mencionada e até certo ponto regulamentada em diversos documentos legais como o artigo 37 da Lei de Crimes ambientais (9605/98), que prevê algumas possibilidades de abate de animais, incluindo a necessidade de saciar a fome do agente ou de sua família ou a proteção de lavouras, pomares e/ou rebanhos. A caça de subsistência também é mencionada no Estatuto do Desarmamento (art. 6º inciso 5º): “aos residentes de áreas rurais, maiores de vinte e cinco anos que comprovem depender do emprego de arma de fogo para prover sua subsistência alimentar familiar”. Finalmente, é importante notar que o pesquisador não questionou a data em que essa provável coleta de peles foi feita e nem quem a realizou, especialmente porque não é o foco da pesquisa e porque existe a questão ética de anonimato e isenção inerente à coleta de dados realizada nessas circunstâncias.

A afinação do instrumento é feita a partir do aquecimento da pele. Durante o dia, ele pode ser colocado para receber os raios solares; à noite, ele é aquecido no fogo; assim, o couro aquecido fica duro e alcança a afinação desejada pelos foliões.

O pandero lavra um pau, tem uns pau que sempre inrola, lavra ele e inrola ele, fais o arco, marra e aí pega o coro i puxa, í prega com chuliadera, i coloca o chengo. (Qual o couro que vocês utilizam para fazer o pandeiro?) Ua, antigamente era coro de cutia i catingueiro, coro de cutia também não tá nem ranjando mais, tá fazendo mais de couro de catinguero. (E o chengo, como é que é feito?) O chengo é qualquer um flande, até tampa de garrafa, fazia chengo (Depoimento Sr. Aristeu Rosa).

Dentro da tabela de classificação de instrumentos, ele pode ser nomeado como tambor misto, pois recebeu o acréscimo de chocalhos; sua numeração seria 211.311.

Chengo é aquele pra da o instrumento no pandero pra da aquele barui no pandero [...]. O chengo é di primero aquela tampa de garrafa chora-rita outra hora é nica, fura aquela nica de dinheiro né, aí fais o instrumento (Depoimento Sr. Rainor Marques).



Foto 3: Pandeiro — parte lateral, borda, onde se pode ver no detalhe os chengos.
Fonte: Dinomar Rosa.

A execução do instrumento é feita com as duas mãos; uma deve segurar o instrumento, e a outra faz a percussão. O sutil detalhe é que a mão que segura o instrumento também tem participação na sonoridade obtida, pois muitas vezes essa mão agita o instrumento enquanto a outra realiza a percussão. Há outras sutilezas na execução, como, por exemplo, quando o pandeirista quer o som contínuo dos chengos e desliza a ponta dos dedos pela borda do instrumento — toque específico de canto de pedir esmola.

9. O violão é um instrumento de cordas composto de caixa harmônica (tampo, fundo e laterais), braço, tarraxas, pestana, trastes, cordas, rastilho e cavalete. É produzido com madeiras de diversos tipos, de acordo com a necessidade de cada parte do instrumento e da disponibilidade das madeiras no local ou no mercado, no entanto é necessário observar que esse instrumento não é construído na comunidade.

Ele pode ser classificado como Cordofone Composto (32), pois trata-se de um suporte para as cordas e um ressonador que são organicamente unidos e inseparáveis (sem destruir o instrumento). É considerado similar ao alaúde: 3.2.1. Possui ressonador (caixa harmônica) em forma de oito, sendo a produção do som feita por meio da percussão das cordas estendidas paralelamente ao braço. Sua classificação na tabela é 321.322.



Foto 4: “Violeiro” com violão — Sr. Ernesto. **Fonte:** Dinomar Rosa.

Na Folia de Reis do Mimoso, é utilizado um violão de tamanho médio, que possui seis cordas de aço; ele é afinado como uma viola caipira. Na verdade, a viola é que deveria ser o instrumento tradicionalmente utilizado, mas, na falta desse instrumento, utiliza-se o violão, que é mais comum. A função do instrumento é dar base harmônica e rítmica para as músicas tocadas pelos foliões, e os acordes mais utilizados são Lá, Ré e Mi maiores, ou seja, os acordes principais da tonalidade de Lá maior.

10. Há diversos cantos e quase todos são repetidos em todas as visitas, no entanto existem algumas diferenças:

a) Para visitas comuns – Canto da chegada, que é o Canto de Santos Reis e o canto de pedido de esmola, incluído nos versos finais do canto de chegada. Rodas, batucadas e súcia.

b) Para visitas a pousos – Canto de Santos Reis e o canto do agasalho, mais rodas, batucadas e súcia. Após o almoço, eles cantam o bendito de mesa, cantos louvando os proprietários da casa que os acolheram; e à tarde, antes de sair, cantam a despedida.

No pouso é o agazai é o canto do dono da casa e o bendito de mesa e a dispidida pra sair no outro dia. (E nas outras casas, quando é só pra visitar?) É só o canto, se tiver algum oferecimento de algum, de algum armoço pra algum fulião tem o canto é o bendito e a roda e só (Depoimento do Sr. Aristeu Rosa).

Observou-se que os cantos do “ofício” são sempre os mesmos, no entanto as batucadas, rodas e súaia são diferentes.

(Nas casa, quantos canto são cantado?) *Só um canto.* (Esse canto pode deixar de cantar? Se chegar muito tarde pode deixar de cantar ou não pode?) Não, não pode, esse ai é o premente! Depois do canto vem a suça, pa pude pará, aí já vem a roda que é a brincadeira. (E a batucada, canta também?) Canta, canta também a batucada. (Mas é em toda casa?) Depende do dono querer o dono da casa pidi (Depoimento do Sr. Rainor Marques).

11. Devido às longas distâncias que têm que cumprir, os festeiros utilizam cavalos e burros; eventualmente, quando a distância é menor, eles seguem a pé.

12. Embora constitua-se como um simples pedaço de pano, no qual é bordada uma imagem, a bandeira da folia é o maior símbolo de fé da festa. Nesse período de peregrinação, ela é carregada pelos foliões de maneira que fique sempre direcionada para a direita e é venerada e reverenciada por todas as pessoas que participam das atividades.

A bandeira é o símbolo do Reis, que vai à frente do cortejo. Fisicamente, é apenas um pedaço de tecido com o nome do conjunto, adornada com figuras de santos, como a imagem de São José ou da Família Sagrada, destacada com uma moldura de papel laminado, mas assim como também ocorre em manifestações étnicas e religiosas como o Divino, o Moçambique e o Congado, a importância simbólica da bandeira para o Reis é enorme (DANTAS, 2018, p. 142).

A bandeira é levada à frente do cortejo, tendo sempre uma pessoa responsável, geralmente o arfe-lo (ou alferes) para carregá-la e apresentá-la ao morador da casa. Nesse momento, ao ser convidada para ingressar na casa, cabe ao mestre, também chamado de embaixador ou guia, que é o integrante responsável pelos versos de improvisado (as embaixadas), coordenar a saudação dos foliões à família que os recebe, sendo acompanhado pelos demais cantores.



Foto 12: Bandeira da Folia do Mimoso. **Fonte:** Dinomar Rosa.

Ao chegar em uma casa, o arfe-lo faz a “venda”, e todos ali beijam e adoram a bandeira. Depois disso, ela é entregue ao dono da casa para que ele a transporte para dentro da sua residência. A bandeira visita e abençoa todos os cômodos e pessoas presentes no ambiente; depois disso, ela é guardada pelo senhor da casa, geralmente sendo colocada no quarto, por cima da cabeceira da cama do dono da casa; nesse local, ela permanece até o término dos cantos. Quando os foliões estão prontos para seguir o giro, o dono da casa recolhe a bandeira, faz a venda e depois entrega-a para o arfe-lo para ele poder fazer a venda final. Nesse momento, todos se ajoelham e beijam a bandeira; esse também é o momento do pagamento das promessas.

A bandeira utilizada na Folia de Reis do Mimoso é feita com um pedaço de pano branco. Na sua parte superior, é colocada uma madeira que permite que o bandeireiro possa carregá-la. No centro dela, é colocada uma imagem representando o momento da visita dos Reis Magos ao Menino Jesus e à Virgem Maria. São colocadas fitas coloridas, com largura de padrão igual; apenas uma delas, que é colocada no centro, é mais larga. Cada fita tem um significado: a cor branca simboliza Jesus Cristo; a vermelha representa o incenso entregue pelo Rei Gaspar; a amarela simboliza o ouro

dado pelo Rei Belchior; a verde representa a mirra entregue pelo Rei Baltazar; e a dourada representa a proteção para os foliões durante todo o percurso da folia.

A bandera é mandada pintar na cidade, batizar e trazer aí pá soltar a folia, vem só a bandera, aí de cá ponhoi o mastro, um pauzinho ou então, aí tem o local de enfiar o pau que é o mastro que agente trata (Depoimento do Sr. Aristeu Rosa).

14. No dia 6 de janeiro, acontece o encerramento (fechamento ou arremato) da folia. A festa segue um processo que se inicia com a reunião dos festeiros em frente ao cruzeiro, local onde começam a ser entoados os cantos. O cortejo cruza um arco e segue o cordão de São Francisco, que é um barbante de algodão enfeitado com bandeirolas e que liga o cruzeiro até o altar. Depois, o cortejo entra na igreja e é finalizado junto ao altar, onde se dá a entrega, que é o último canto do ciclo. Após esse canto, os festeiros realizam uma oração.



Primeiro eles lova o cruzeiro, depois eles passam pro altar, altar não! Pro arco, de do arco eles lova as bandeirinha vai pro altar, que é o canto de lá de dento, depois de lá de dento eles fais o canto pá o encarregado, depois eles lova a imagem que tá lá dento, aí vai cantar a dispidida pa pude terminar [...] O cruzeiro é o início do canto, aí eles tem que passar pelo cruzeiro pa modo ir pro altar, po arco pa depois po altar (Depoimento Sr. Aristeu Rosa).

Esse procedimento é bastante longo: cerca de 50 minutos apenas no canto de entrega. Todo o processo, incluindo a reza, demora aproximadamente 1h40, pois a cada instante eles param e entoam uma determinada parte do canto de entrega ou ainda entoam versos avulsos retirados de outros cantos.

O RELATO – PESQUISA DE CAMPO

A observação teve início no dia 01 de janeiro de 2019 e se estendeu até o dia 6 de janeiro. No primeiro dia, todos os foliões se reuniram no local coberto denominado feira, afinaram seus instrumentos e logo em seguida lhes foi oferecida comida e bebida. Depois de se alimentarem, todos eles foram para a igreja, onde, para poder dar início ao giro, fizeram o canto de saída. Logo depois desse canto, voltaram para a feira. Nesse local, cantaram o bendito de mesa e em seguida, para alegrar os devotos, cantaram rodas

e batucadas. Além disso, aconteceu o momento da súa com participação de muitas pessoas.

A folia teve início com 10 foliões: o arfe-lo, o violeiro, o guia, o caixeiro e seis pandeiros. O cortejo é ponteadado pelo arfe-lo com a bandeira; logo atrás vem o violeiro, depois o guia da folia, que é o responsável por iniciar os cantos, já que o canto só pode começar com a permissão do guia. Depois vêm os outros foliões que contribuem com a voz. Atrás de todos, segue o caixeiro, pois o som do seu instrumento tem volume muito grande.

No primeiro dia de giro, foram visitadas seis casas, e na última (residência do Sr. Jura), aconteceu o pouso. O padrão da cantoria é o mesmo em todas as casas: canta-se o canto de chegada, que é conhecido como canto de Reis, e também o agasalho (porque tratava-se de um pouso); no final do canto, o senhor Jura abriu a porta para que o terno adentrasse. Dentro da casa, os foliões concluíram o canto; no final, foram apresentados os versos de pedir esmola.

Após a parte sacra da visita, aconteceu a súa; em seguida, o senhor Jura ofereceu bebidas para os festeiros, que depois de beberem, começaram a cantar a roda; na oportunidade, foi cantada apenas uma música de roda, pois como eles haviam visitado muitas casas nesse dia, demoraram para chegar no pouso, então já estavam cansados. Dessa forma, os cavalos foram colocados para pastar e os foliões foram dormir.

Algumas horas depois, quando amanheceu, os foliões foram convidados para o café da manhã; na mesa havia bolo de arroz, pães caseiros, petas³ e enroladinhos; depois de satisfeitos, chegou o momento de contar causos, a conversa durou muito tempo, até às 11h30, quando foi servido o almoço, com arroz, feijão, macarrão e o famoso afogado, que é feito com partes menos nobres da carne bovina que são cortadas em cubos e cozidas lentamente em fogo baixo. Ao ficar pronta, a carne se desfaz e esse molho é misturado com farinha e servido com mandioca. Como bebida foi oferecido suco. Algumas horas após o almoço, aconteceu o bendito de mesa, canto em agradecimento pelo alimento servido:

foi nas premeras palavras, foi nas premeras palavras, foi os anjo, foi os anjo quem me disseram, foi os anjo quem me disseram.

³ Peta é o nome que se dá a um tipo de biscoito de polvilho em algumas regiões do país.

oh naaa cabeçera da mesa, naaa cabeçera da mesa, faiz a venda, faiz a venda meu arfeli, faiz a venda meu arfeli.
Faiz a venda meu arfeli, faiz a venda meu arfeli, no começo, no começo do bendito, no começo do bendito.
Oh faiz uma venda sincera, faiz uma venda sincera, pro cumeço, pro cumeço do ofino, pro cumeço do ofino, pro cumeço do ofino, pro cumeço do ofino, quando o meu São Bento de condão, para a reza de condão, vamos agradecer a mesa, vamos agradecer a mesa.
Agradeça, agradeça aos fulião, agradeça aos fulião, oferença aos fulião, oferença aos fulião.
Todos que, todos que serviu da mesa, todos que serviu da mesa. E agora vamo rezar, e agora vamo rezar, benditu, benditu lovado seja, benditu lovado seja (Trecho do “Bendito de mesa”, cantado na Folia do Mimoso — 2019).

Depois do bendito de mesa, foram iniciadas as rodas e batucadas; ao cair da tarde, na hora de ir embora, foi entoado o canto de despedida, realizado do lado de fora da casa. Nesse momento, foi feita a venda, que é quando o arfe-lo, num gesto de fé, movimenta a bandeira abençoando todos que estão posicionados na frente dela. Esse movimento não pode ser cruzado, tem que ser iniciado pelo lado direito e deve seguir o sentido anti-horário, voltando no sentido horário. O gesto deve ser feito repetidas vezes e deve passar por sobre a cabeça dos devotos, que nesse momento estão ajoelhados perante o terno, que é um dos nomes pelos quais é conhecido o grupo de foliões. Na comunidade Quilombola do Mimoso, as pessoas mais idosas se referem à folia como “Terno de Reis”, e, segundo eles, essa nomenclatura é devido ao fato de os Reis Magos serem três. Depois do momento da venda, eles montaram em seus cavalos e prosseguiram com o giro.

A partir daí, a folia seguiu o padrão do giro durante o restante dos cinco dias, com a diversificação dos pousos. No sexto e último dia, eles foram direto da casa de pouso para a igreja fazer a entrega. O arfe-lo vai à frente do cruzeiro e faz três vendas para poder começar a cantar o canto da entrega; eles iniciaram o cortejo pelo cruzeiro, passaram pelo arco e depois do arco seguiram o cordão de São Francisco, que é um cordão enfeitado que liga o cruzeiro à igreja.

Na igreja, o Terno cantou alguns versos, os presentes se ajoelharam (até os próprios foliões cantaram ajoelhados) e o arfe-lo passou a bandeira por cima de todos.

Os foliões cantaram estes versos:

Oi fazemo a separação aqui hoje nesse dia, aqui hoje nesse dia.

Oi vamos cantar a dispídida, da chegada da folia, da chegada da folia, Jesus dispidiu do seu povo, quando foi pra Jerusalém, quando foi pra Jerusalém.

Oi na chegada da folia, vamos dispidir tomem, vamos dispidir tomem. Oi dispídida, dispídida, dispídida do a hora, dispídida do a hora.

Oi dispídida do nosso pai, que u fulião vai simbora, que u fulião vai simbora, oi dispídida, dispídida, dispídida de São Francisco, dispídida de São Francisco.

Oi diga os senhores e senhoras que eu fui na passagem de Cristo, que eu fui na passagem de Cristo, oi criou seu mundo em roda, respondeu-se nesse instante, respondeu-se nesse instante.

Oi na frente da bandeira ajoelha toda gente, e ajoelha toda gente. Oi adorar a bandeira do divino Santo Reis, do divino Santo Reis. (Canto dos foliões entoado dentro da igreja para a despedida do giro e entrega da bandeira).

Quando terminou esse canto, todos gritaram: “Viva Santo Reis!” e estouraram foguetes. Para concretizar o ato, eles fizeram uma reza e, dessa forma, concluíram a entrega da folia. A partir desse momento, todos foram festejar na feira, um local coberto no centro da comunidade e que funciona como ponto de encontro para os habitantes do local.

CONCLUSÕES

Este trabalho teve como objetivo acompanhar a Folia de Reis da Comunidade Kalunga do Mimoso, em Arraias (TO), procurando contribuir para o registro e salvaguarda desse importante patrimônio cultural.

Para atingir esse objetivo, procuramos entender como funciona o giro da folia, como é a região onde se dá a festa, quem são e o que move seus protagonistas. Para isso, foi realizada uma observação cujos resultados procuraram descrever, de forma detalhada, a festa, assim como foram empregados registros fotográficos como dados primários, ou seja, informações visuais (LOIZOS, 2017); tais registros são importantes como parte da descrição pretendida no trabalho e procuram proporcionar ao leitor uma informação mais “densa”, conforme proposto por Geertz (1978), procurando conduzi-lo a “olhar pelos meus olhos”.

A folia, como manifestação cultural da comunidade, vem sendo feita há muito tempo, com o objetivo de manter a tradição e fortalecer a cultura. Em uma primeira aproximação, tratamos de compreender o seu significado para a comunidade através da sua origem e história contada pelos mestres, membros mais velhos da povoação.

Um dos resultados da pesquisa nos mostrou que a possibilidade da continuidade da festa por muitos anos ainda parece ser muito real, o que é um dado positivo. Essa “continuidade”, é assegurada pela consciência das pessoas com relação à manutenção da tradição, como nos relata o Sr. Célis Macedo em depoimento:

Uai, pra mim a folia é uma tradição, ela é uma arte aqui pra nois aqui na fazenda, pros quilombolas aqui. Igual tem, as vezes a gente fala uns verso, que fala assim: a folia é uma arte que mora no meu coração, a tradição traz a cultura deixada por geração, quando é tempo de folia, se alegra o fulião, pois então vamos juntos cumprir nossa missão, alegrando e evangelizando na cidade e no sertão.

Ou como diz o Sr. Rainor Marques:

é bom, porque não pode cabar a tradição, que meu pai era vivo, já morreu meu pai e mãe, não era para acabar a tradição, aí a gente tamo continuando.

Desse modo, é possível perceber que a população tem a preocupação em manter a continuidade da manifestação cultural, pois de alguma maneira se veem salvaguardando as práticas ancestrais e as origens culturais da comunidade:

É que meu pai era caxero, era caxero, guia, fulião vei sabido (Sr. Rainor Marques).

O insinamento foi o seguinte, quer dizer que isso já vem dos tronco véi, aquês mais véi, vai ensinando o mais novo, os mais novos vai aprendendo né, ai cumu dizer assim num tem, tem a bribia, que ensina também né, mais vem mais dos tronco mais véi, aqueles fulião véi, vai morrendo mais ensina os mais novo, cume que é foi o começo, é por ai (Sr. Aristeu Rosa).

A partir da fala do Sr. Aristeu, também é possível perceber de uma forma clara a concepção de transmissão dos saberes da tradição. Como são feitos os ensinamentos e transmitidos os conhecimentos dentro de uma perspectiva quase iniciática, pois o aprendiz deve acompanhar o mestre durante muito tempo e aos poucos ir se inteirando dos saberes, dentro de um processo que muito se aproxima da etnopedagogia ou seja, a transmissão do conhecimento pelas experiências de vida ou pelas experiências vividas:

Eu aprendi que eu girava com os fulião, e via os fulião bate os pandero eu aprendi bater do mesmo jeito [...] outras rodas a gente via de outros fulião particular e aprendia e cantava (Depoimento Sr. Aristeu Rosa).

Eu aprendi tocar mesmo assim pelo dom meu, mais só que meu pai ensinou só o sol, meu pai ensinou o sol. Aí pela minha inteligência, eu peguei as outras notas (Depoimento Celis Macedo).

Presume-se então que a continuidade da festa pode ser assegurada com a presença de participantes mais jovens; pessoas que ainda não sabem todos os cânticos, mas já conhecem alguns versos, vão aprendendo pouco a pouco novas trovas, aprendem a tocar algum instrumento, cantam e participam nas rodas e batucadas. A folia torna-se um momento propício para a transmissão de valores entre gerações, reafirmando princípios de fé cristã e resistência cultural.

Mesmo que seja factível a incorporação de novos elementos na festa, visto a capacidade de adaptação da cultura, é possível perceber que a tradição está solidificada — circunstância que se torna evidente a partir de um ritual estabelecido e que se mostra, ainda mais claro, quando percebemos a utilização de uma estrutura permanente repetida ao longo do giro e ao longo dos anos:



Aí a folia chega, faia, aí o fulião chega, fica uma parte parada lá, ai vai só o caixeiro e o aife-lo, faz a venda, três venda, ai faz as três venda, para, aí os fulião vem, aí começa fazer o canto do cruzeiro pra igreja [...] Aí depois do cruzeiro tem o arco, ai passa pelo arco (Sr. Rainor Marques).

Só um canto. (Esse canto pode deixar de cantar?) Não, não pode, esse ai é o premente! Depois do canto vem a suça, pa pude pará, aí já vem a roda que é a brincadeira (Sr. Rainor Marques).

No pouso é o agazai é o canto do dono da casa e o bendito de mesa e a dispidida pra sair no outro dia. (E nas outras casas, quando é só pra visitar?) É só o canto, se tiver algum oferecimento de algum, de algum armoço pra algum fulião tem o canto é o bendito e a roda e só (Sr. Aristeu Rosa).

Tal estrutura se resume a um canto de chegada e louvor quando é iniciada a visita propriamente dita: o canto inicia fora da casa e continua dentro dela. Depois disso, em cada casa, há a possibilidade de cantarem a súcia, as rodas e os batuques, dependendo do tempo disponível, da quantidade de visitas a serem realizadas naquela noite, da distância entre cada casa visitada e do interesse do dono da casa.

Nos pousos, além desses cantos, há o canto do agasalho (agazai), que é o canto para louvar o dono da casa de pouso; o bendito de mesa, que louva a alimentação oferecida, saudando as cozinheiras:

que ali os fulião janta e vai soldar cozinheiro, servente, aí é um verso

que é jogado por Deus pá já soldando a comida que é o pão de cada dia, que Deus abençoa” (Rainor Marques).

E depois disso há os cantos “pagãos”: súcia, rodas e batuques.

É dessa maneira que as folias se mostram como uma importante forma de representação da cultura popular e da manutenção e salvaguarda das tradições populares, sendo a Folia de Reis do Território Kalunga do Mimoso um exemplo vivo dessas tradições, mantida pelos devotos que compreendem a importância cultural da preservação dessa manifestação e que, assim, se mostram responsáveis por manter viva a tradição e a devoção religiosa, expressa por uma fé que se faz representada por diversos símbolos e significados, que vão desde a estrutura e o conteúdo dos cantos até a decoração dos locais de visita e culto.

Evidenciou-se que existe uma relação muito forte entre a música, a imagem, a fé e os gestos, sendo a bandeira o maior símbolo de fé da festa. Ela é venerada e reverenciada por todos em uma relação de devoção que apresenta uma forte ligação com o sagrado. Existe um apego sincero pela bandeira, e essa devoção apresenta e reforça os valores culturais, simbólicos e religiosos presentes entre os participantes da festa.



www.revistafenix.pro.br

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHAVES, Danisa. **A Folia de Reis na cidade de Três Corações: um estudo sobre cultura popular**. 2011. 76p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações, 2011.
- CORREIA, Iara Toscano. **(Re)Significações religiosas no sertão das Gerais: as folias e os reis em Januária (MG)**. 2013. 317p. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.
- COUTINHO, Clara Pereira. **Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: teoria e prática**. 2.^a ed. Coimbra: Almedina, 2013. 421p. (1.^a ed. 2011).
- DANTAS, Fred. Santo Reis de Bumba: praxe pedagógica e organologia. In: SANTOS, Ana Roseli Paes; SANTOS, Wilson Rogério (Org.). **Educação musical na educação do campo: outras epistemologias**. Palmas: EdUFT, 2018, p. 115-177.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 213p.
- GUBA, E. **The paradigm dialog**. Newbury Park, CA: SAGE, 1990. 424p.
- HORNBOSTEL, Erich; SACHS, Curt. Classification of musical instruments. **The Galpin Society Journal**, v. 14, 1961, p. 3-29.

HORTA, Ana Paula Santos. **Os reis da Canastra:** os sentidos da devoção nas Folias. 2011. 113p. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 137-155.

LOURENÇO, Aliny Cristina. **A Folia de Reis de São José do Barreiro:** recurso cultural brasileiro. 2014. 127p. Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

MERRIAM, Alan P. **The Anthropology of music.** Evanston: Northwestern University, 1964. 376p.

NETTL, Bruno. **Theory and method in ethnomusicology.** London: The Free Press, 1964. 306p.

RECEBIDO EM: 14/12/2019

PARECER DADO EM: 15/07/2020



www.revistafenix.pro.br